



UFSM

**ENTRE OS CAMINHOS DA INCLUSÃO AS PRÁTICAS SE  
MODIFICAM. E A AVALIAÇÃO, COMO FICA?**

---

Artigo Monográfico de Especialização

LUCIANE GOULART DA COSTA

**Pelotas , RS, Brasil**

**2010**

ENTRE OS CAMINHOS DA INCLUSÃO AS PRÁTICAS SE  
MODIFICAM. E A AVALIAÇÃO, COMO FICA?

por

**Luciane Goulart da Costa**

Artigo apresentado no Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de Surdos, do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Educação Especial.**

**Orientadora:**  
**Prof<sup>a</sup> Ms Simaia Zancan Ristow**

**PELOTAS, RS, Brasil**  
**2010**

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação  
Especialização em Educação Especial - Déficit Cognitivo e  
Educação de Surdos**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Artigo Monográfico de  
Especialização

**ENTRE OS CAMINHOS DA INCLUSÃO AS PRÁTICAS SE  
MODIFICAM. E A AVALIAÇÃO COMO FICA?**

elaborado por  
**LUCIANE GOULART DA COSTA**

como requisito parcial para obtenção do grau de

***Especialista em Educação Especial: Déficit Cognitivo e Educação de  
Surdos***

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

**Profª Ms Simaia Zancan Ristow**  
(Presidente/Orientador)

---

**Prof. Ms Arlei Peripolli**  
(Examinador)

---

**Prof. Ms Priscila Turchiello**  
(Examinadora)

**PELOTAS, RS, Brasil  
2010**

## **RESUMO**

Artigo de Especialização  
Curso de Especialização em Educação Especial – Déficit Cognitivo e Educação de Surdos  
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

### **ENTRE OS CAMINHOS DA INCLUSÃO AS PRÁTICAS SE MODIFICAM. E A AVALIAÇÃO COMO FICA?**

AUTOR: Luciane Goulart da Costa  
ORIENTADOR: **Profª Ms Simaia Zancan Ristow**

PELOTAS, 2010

O presente trabalho tem por objetivo investigar e refletir sobre a avaliação como prática pedagógica desenvolvida em uma escola da rede pública de Pelotas. Estes aspectos são de extrema importância para uma prática inclusiva, e por esse motivo esta pesquisa investigará os processos de ensino-aprendizagem, priorizando a avaliação, que é ainda hoje considerada um fim e não um meio de trabalho, e pouco entendida por parte dos professores de modo geral. Muitas dúvidas são constantes no que se refere à prática de avaliação, principalmente quando temos alunos com déficit cognitivo incluídos em todas as turmas da escola. Desse modo, faz-se necessário começar a enriquecer as atividades e as relações pedagógicas com ações prioritárias para romper com o fracasso escolar, pois que todos, independente do grau de dificuldade, ou deficiência possam aprender, superando assim suas dificuldades. Não basta a inclusão física das crianças que apresentam dificuldades e déficit cognitivo, é preciso também uma mudança de paradigma, principalmente em relação a avaliação, para que a inclusão realmente aconteça.

Palavras chave: avaliação-inclusão- aprendizagem - práticas pedagógicas

## SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO .....	05
2. CAMINHO DA INVESTIGAÇÃO .....	09
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	19
5. REFERÊNCIAS .....	21
6. ANEXO .....	23

## 1. APRESENTAÇÃO

O tema “práticas pedagógicas” deste artigo monográfico foi escolhido tendo em vista a influência que exerce sobre o desempenho de alunos no processo ensino-aprendizagem. O objetivo principal será fazer um estudo qualitativo sobre as práticas pedagógicas e sua relação com sucesso e insucesso escolar de alunos de uma escola da rede municipal de Pelotas/RS, considerada inclusiva.

Saliento que nesta escola existem alunos com Déficit Cognitivo, Transtornos Mentais, Condutas Típicas, Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (com e sem deficiência), incluídos em todas as turmas de educação infantil a 8ª série, tendo em média três (03) inclusões por sala, sem contarmos com a “inclusão social”. Desta forma serei uma pesquisadora com postura de observadora crítica e de participante ativa, visto que estarei trabalhando com os sujeitos da pesquisa.

Durante o curso de Especialização em Educação Especial-Déficit Cognitivo e Educação de Surdos, curso este à distância, ofertado pela Universidade Federal de Santa Maria, percebi a necessidade de aprofundar meus estudos com relação a “avaliação”, pois esta é uma prática pedagógica presente no cotidiano escolar.

Ainda hoje vemos alguns professores ou escolas despreocupados com a avaliação, não refletindo sobre este tema e sobre a sua prática pedagógica como um todo, não reformulam conteúdos, assim como os assuntos trabalhados em sala de aula não são do interesse dos alunos.

Os aspectos citados são de extrema importância para uma prática inclusiva, e por esse motivo, esta pesquisa investigará estes aspectos do processo de ensino-aprendizagem, priorizando a avaliação, que é ainda hoje considerada um fim e não um meio de trabalho, e pouco entendida por parte dos professores em geral.

Sendo assim, quando me referir ao termo “prática”, estarei referendando não só ao processo de aprendizagem, mas também e, principalmente, ao processo da avaliação.

As dúvidas são constantes no que se refere à prática de avaliação, principalmente quando temos alunos com déficit cognitivo incluídos em todas as turmas de uma escola. A Escola em estudo, pertence à rede municipal de Pelotas, foi fundada em agosto de 1928, tem como característica trabalhar ressaltando as relações e as trocas de experiências entre os indivíduos, independente de formação,

deficiência ou habilidades; o que, otimiza o saber, e o aprender entre todos os sujeitos da nossa história.

O interesse em realizar esta pesquisa, iniciou-se mais precisamente no ano de 1998, ano da elaboração do PPP (Projeto Político Pedagógico) desta escola, que foi discutido com a comunidade escolar. Este PPP remete a todos da escola a responsabilidade de proporcionar aos alunos momentos diferenciados de encontro com o conhecimento, transformando a escola através de uma nova dinâmica de trabalho e uma prática de avaliação contínua que valoriza no mesmo grau de importância, a pesquisa, o pensar, o conhecer, o sentir, o agir, o refletir, e o aprender.

Esta escola, com ousadia, começa a enriquecer as atividades e as relações pedagógicas com ações prioritárias para romper com o fracasso escolar, e que todos independente do grau de dificuldade ou deficiência possam aprender, discutindo, debatendo e superando suas limitações.

A partir do exposto acima, foi que as dúvidas começaram a refletir no meu trabalho escolar. Será que todos que ultrapassam a porta da sala de aula, fazem de sua prática uma alavanca para a igualdade de oportunidades no aprender?

O professor deve buscar que cada aluno aprenda dentro do seu ritmo, com convicção de que uma criança não fracassaria se dispusesse de mais tempo, obtivesse mais dedicação de ambas as partes, aluno e professor, assim como acompanhamento familiar, e profissional.

A criança não pode sozinha percorrer o caminho da aprendizagem, sendo necessária a intervenção, ou melhor a mediação de outras pessoas, no caso, os professores, acolhendo, aceitando e tornando o meio escolar mais acessível a ela.

Pois, não basta a inclusão física das crianças que apresentam dificuldades, deve haver também uma mudança de lógica, postura pedagógica, organização escolar e do currículo para que a inclusão realmente aconteça.

Segundo Lima (1994, p.142-143)

A escola e seus professores demonstram completo desconhecimento a respeito do desenvolvimento das estruturas mentais das crianças e adolescentes e suas relações com a aprendizagem de cada conteúdo escolar. A escola, que se reduz à avaliação, por consequência, organiza-se em torno de conteúdos e não de propostas mais globalizadas de uma concepção pedagógica.

A escola é um espaço de convivências e de enfrentamentos, e por isso deve ter o papel de mediadora da construção de relacionamentos afetivos, sociais e cognitivos, pois a convivência entre os alunos com ou sem deficiência resulta em benefícios mútuos no desenvolvimento afetivo e social.

É reformulando nosso conhecimento, desestruturando, desmistificando nossas crenças, que poderemos aprender, testando, errando e aprendendo, e neste processo vamos descobrindo outras maneiras de avaliar o aluno.

O professor para desenvolver uma prática avaliativa que prime pelos princípios da inclusão deve priorizar meios de identificação, observação e avaliação pedagógica, partindo de um grande repertório de materiais e de métodos de aprendizagem. Mas, ao invés disso, a realidade das escolas nos mostra que muitos professores encaram o erro como “burrice, desinteresse, desinformação”, ou ainda, “incapacidade”.

Se o erro fosse um meio de melhorar o processo da aprendizagem seria ótimo, mas infelizmente ele é justificado para segregar. A avaliação, nestes casos, é usada para separar os bons dos ruins.

É necessário que toda a escola caminhe em conjunto, para que ocorra um processo de ensino e aprendizagem condizentes com o sujeito que se pretende formar, e claro que falando em educação, o tema avaliação é o mais polêmico e complexo, e porque não dizer o mais importante no âmbito escolar.

Tendo em vista a influência e importância da avaliação nas práticas pedagógicas e principalmente na produção e do sucesso e fracasso escolar, esta pesquisa de cunho qualitativo, buscará observar como a avaliação pode afetar a vida escolar e social do educando a ponto de afastá-lo da escola.



## 2. CAMINHO DA INVESTIGAÇÃO

Enquanto me dirijo até a escola em que desenvolverei a pesquisa, sigo caminhando pela Avenida da Paz, seu endereço, enquanto reflito sobre a prática docente e essa música ocupa meu pensamento...

Caminhando e cantando e seguindo a canção,  
somos todos iguais braços dados ou não.  
Nas escolas, nas ruas, campos, construções.  
Caminhando e cantando e seguindo a canção...  
Vem, vamos embora, que esperar não é saber.  
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer...

(Geraldo Vandré. Pra não dizer que não falei das flores)

Cada vez mais, encontro estudos sobre a prática de avaliação e mesmo assim continuo com este assunto latejante em minha mente. Tendo em vista esta questão, foi realizado um estudo com o objetivo de investigar as relações entre as práticas avaliativas e o fracasso escolar.

A escola em que foi desenvolvida essa pesquisa faz parte da rede municipal de ensino da cidade de Pelotas/RS e atualmente possui 550 alunos e 50 professores. Durante a construção desta pesquisa de cunho qualitativo/participativo, fiz parte do conselho de classe como professora e pesquisadora, assim como participei e observei as reuniões pedagógicas (semanais). Num outro momento, fiz um questionário que entreguei a todos os cinquenta (50) professores que atuavam até final de 2009, nos três turnos da escola, abrangendo assim, currículo e área, do ensino infantil, fundamental e as etapas (que atendem jovens e adultos no período da noite).

Neste questionário, elenquei algumas questões importantes para a minha pesquisa, tais como: “O que é uma prática pedagógica inclusiva? Quais os fatores que ela engloba?” “Como o professor realiza suas avaliações? Ela é diferente para os alunos com necessidades especiais?” “Existe uma forma ideal de avaliar os alunos com necessidades especiais?”.

Muitos professores não devolveram os questionários, mesmo sabendo que não era necessário assinar, e que seus nomes não seriam divulgados.

Segundo Trivinos (1987) o formato da pesquisa participante demonstra que a pesquisa qualitativa vem se firmando com diferentes enfoques teóricos metodológicos e demonstra também, como os pesquisadores têm se esforçado e lutado contra a sua própria formação tradicional.

Aos professores que responderam prontamente o meu questionário de pesquisa dediquei nomes fictícios, (para as mulheres, flores; e aos homens pássaros) seres vivos, delicados, lindos, e imprescindíveis à natureza, assim como somos quanto educadores, imprescindíveis no processo da educação, independente dos muros da escola.

Este trabalho nada mais é do que uma “Partilha”, entre os nossos estudos, nossas dúvidas, inquietações, nossos saberes, nossas “práticas”; pois é assim que podemos crescer, amadurecer e rever nossas “certezas”, desta forma, afirmo a importância que tem uma pesquisa participativa no âmbito da escola.

### 3. REFERENCIAL TEÓRICO

É a escola que tem que mudar, e não os alunos para terem direito a ela!”  
(Mantoan, 2003, P.8).

O processo de aprendizagem adequado aos alunos não é decisão exclusiva dos professores, assim como o meio pelo qual eles serão avaliados. Estas são decisões que devem ser tomadas coletivamente, pois envolvem toda a comunidade escolar.

Por que a palavra “mudar” é tão assustadora para algumas pessoas? Que relação há entre a reflexão, o repensar o processo de avaliação e o agir no sentido de criar práticas democráticas? Essas são algumas de muitas perguntas que, constantemente, surgem enquanto trabalho e quando reflito durante as reuniões semanais que ocorrem na escola.

Constantemente ouvimos professores dizerem: “Não estudei para isto”; “No tempo em que eu estudava, não perdíamos tempo com este assunto (relações sociais), o que importava era a nota que tirávamos”. “Não sei trabalhar com tantas diferenças, nunca me ensinaram”. Durante muito tempo predominou na formação de profissionais da educação a importância do ensinar, a preparação dos alunos para o mercado de trabalho, onde o mais bem preparado era o que sempre estudou em boas escolas, e os que obtinham notas altas.

Realmente, ninguém foi preparado para trabalhar com as diferenças, na academia vive-se a ilusão de turmas pequenas, mesma faixa etária, homogeneidade dos grupos, etc, como se no mundo, só houvesse um tipo de ser humano, uma cor, um gosto.

É mais fácil mudar o discurso do que a prática, toda mudança gera um conflito interno, dá trabalho, desestrutura, é por isso que precisamos do grupo, para que a mudança ocorra realmente. Acredito que esta mudança da prática não pode ocorrer por imposição de modelos externos a escola, assim como, através de leis, decretos, pareceres, órgãos governamentais. Quem melhor pode indicar as dificuldades e necessidades educativas são aqueles que participam e constroem seu dia a dia, na escola.

De acordo com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008)

O desenvolvimento de estudos no campo da educação e dos direitos humanos vêm modificando os conceitos, as legislações, as práticas educacionais e de gestão, indicando a necessidade de se promover uma reestruturação das escolas de ensino regular e da educação especial

A mudança de práticas é um processo complexo, é um trabalho coletivo, que envolve professores, funcionários, equipe diretiva, enfim, toda a comunidade escolar, e que não resulta nem da simples vontade destes, nem decorre mecanicamente de qualquer intervenção exterior.

Mas, preciso deixar claro que se o professor não quiser, ou não sentir-se seguro nesta mudança, nada acontece. O professor sozinho não é responsável pelo insucesso, mas pode ser um colaborador do mesmo. “A descontrolada produção do insucesso escolar não é um problema meramente educacional. Trata-se de um problema social, cultural e até econômico.” Fonseca (1995 p.366).

Uma escola inclusiva é uma construção de possibilidades e de saberes, o que requer um desejo coletivo de mudança, de enfrentamento assim, como a avaliação é parte integrante e permanente desse processo e não um complemento da nossa ação pedagógica diária.

Muito já foi feito em relação a avaliação na escola, o registro das mesmas, critérios e objetivos de um trabalho pedagógico, tudo foi pensado, estudado e reformulado aos poucos. Um trabalho embasado no desejo de uma escola que valorize os alunos, estimulando o pensamento, ações positivas, e a cidadania, sendo assim, registro aqui, tópicos do nosso trabalho nesta escola, onde o leitor possa conhecer, e porque não questionar.

Os professores possuem um caderno onde são feitas anotações diárias dos alunos, tudo que chama atenção, cada etapa que o aluno avançou ou não, trabalhos e/ou provas, (avaliações estas que não são obrigatórias), destacando o que realmente será cobrado e avaliado, é colocado neste anedotário.

O conselho de classe é feito com todos os professores, a orientadora e as coordenadoras da escola, o aluno representante e o pai ou mãe representante da

turma, assim como as professoras de apoio pedagógico e de AEE participam do conselho nas turmas em que tenham alunos que utilizam estes atendimentos.

Para isso, o conselho de classe acontece em dois momentos, o primeiro que é feito com os representantes, quando o aluno apresenta para o grupo a avaliação de seus professores, equipe diretiva, funcionários e escola, feita por eles em conjunto com a turma. Também, o pai ou mãe desses alunos, fazem esse tipo de avaliação em reunião com os outros responsáveis pelos alunos, em que tudo é anotado, discutido, averiguado e, após, respondido a todos os interessados em sala de aula.

O segundo momento é o conselho de todos os professores, quando são lidas as anotações de cada professor, referentes a cada um dos alunos, e neste momento são elaborados os pareceres.

A partir deste trabalho, conselho de classe, percebemos uma mudança significativa do olhar do professor que não considera apenas os resultados das provas, mas analisa o desenvolvimento do aluno na sua totalidade, respeitando as suas peculiaridades.

A seguir, enfatizarei as principais questões da pesquisa, referentes à avaliação e a importância da mesma para cada um dos entrevistados.

Com relação ao questionamento sobre O que é uma prática pedagógica inclusiva? Quais os fatores que ela engloba? Percebe-se nas afirmações dos professores a necessidade de se redefinir e colocar em ação, novas alternativas e práticas pedagógicas que favoreçam a todos os alunos, atualizando e desenvolvendo conceitos de aplicabilidade educacional compatíveis com esse grande desafio.

Margarida, professora do currículo por atividades, entende que:

É uma prática inovadora que está enfatizando a qualidade de ensino para todos os alunos e engloba o fornecimento da capacitação dos professores, favorecer uma aprendizagem na qual as crianças possam adquirir conhecimentos juntos, porém tendo objetivos e processos diferentes e desenvolver no professor a capacidade de usar formas criativas com alunos PNEE, a fim de que a aprendizagem se concretize.

De acordo com Lírio, professora da área:

A prática pedagógica inclusiva carrega em si a idéia de respeito às diferenças, pois todos têm o direito de aprender e assim engloba também o princípio de tratar de forma igual os iguais e de forma desigual os desiguais. Numa sala de aula temos todos os alunos como desiguais quando colocam-se as necessidades individuais, mas ao mesmo tempo são todos iguais nas necessidades coletivas de respeito, atenção e carinho.

Já Gaivota, professor da área, compreende que a prática pedagógica inclusiva:

(...) procura compreender a pessoa a ser incluída como um ser de relações, capaz de expressar afeto, solidariedade e capacidade de reflexão aos outros educandos, e que esta prática terá que levar o docente a uma maior reflexão ao que se refere a busca de novos métodos e expressões, para sanar dificuldades do dia a dia, como ler muito na busca de informações referentes a inclusão.

Para Dália, também professora do currículo por atividades

A prática inclusiva é o que o nome gostaria de refletir, ou seja, uma prática que possibilitasse realmente a inclusão de qualquer diferença. Para isso, modificações seriam necessárias como novas formas de avaliação, novas estratégias de ensino, visto que muitos alunos não conseguem acompanhar as formas “tradicionais” da escola; adequação dos conteúdos ou habilidades às crianças.

De acordo com a fala dos professores, fica evidente a necessidade de se reformular as práticas para que estas sejam diversificadas e atendam ao princípio da inclusão.

Respaldo minha afirmação com as colocações de Mantoan (2007, p.2)

O sucesso da inclusão de alunos com deficiência na escola regular decorre, portanto, das possibilidades de se conseguir progressos significativos desses alunos na escolaridade, por meio da adequação das práticas pedagógicas à diversidade dos aprendizes. E só se consegue atingir esse sucesso, quando a escola regular assume que as dificuldades de alguns alunos não são apenas deles, mas resultam em grande parte do modo como o ensino é ministrado, a aprendizagem é concebida e avaliada. Pois não apenas as deficientes são excluídas, mas também as que são pobres, as que não vão às aulas porque trabalham, as que pertencem a grupos discriminados, as que de tanto repetir desistiram de estudar.

Aceitar o desafio da inclusão é ir além das deficiências amparadas na lei, mas perceber que precisamos lidar com desafios de ordem social.

Com relação à avaliação, questionou-se os professores a respeito de como estes realizam as avaliações dos alunos com necessidades educacionais especiais, buscando observar se estas eram diferenciadas.

Conforme relato de Tulipa, professora do currículo por atividades:

Procuro realizar avaliações diversificadas, isto é, que possam ser abordadas por diferentes níveis de compreensão, de conhecimento e de desempenho dos alunos. As atividades são exploradas, segundo as possibilidades e interesses dos alunos. São realizadas avaliações orais, pesquisas, registros escritos falados e observações.

De acordo com Violeta, professora do currículo por atividades e área:

A avaliação é elaborada a partir do trabalho que desenvolve com a turma, porque tem itens diferentes de avaliação (nota de participação, trabalho de produção, nota de atitudes e comportamento e uma prova), entende que assim, permite avaliar os alunos em suas individualidades em vários aspectos e ao mesmo tempo sua interação com o grupo.

Em meio a conflitos, e incertezas Lírio, professora da área expõe que:

No início da sua prática penou um pouco, pois sabia que tinha de ser diferente, mas não sabia como fazê-lo. Buscou orientações, mas percebe que está muito aquém da necessidade dos alunos. Entende que fazer provas diferentes apenas não é suficiente, a avaliação deve ser global, mas acha difícil pois, há pouco tempo.

Gaivota, professor da área entende que a avaliação deve ser global, por isso procura analisar aquilo que o aluno tem como referencial cognitivo capaz de lhe trazer respostas positivas, elogiar seu trabalho para que o aluno sinta-se valorizado pelo que produz e avalia trabalhos produzidos, como: música, letra, gestos e atitudes adequadas, enfim avalia o ser que está em formação, a sua afetividade com os colegas e professores.

O que pretendo introduzir nesta pesquisa é a mediação como reorganização do saber, da aprendizagem. A postura do professor deve estar comprometida com a construção e superação do educando. Conforme Hoffmann (1993, p.57), "Toda e qualquer tarefa realizada pelo aluno deveria ter por intencionalidade básica a investigação".

Diante disto, questiono-me, será que existe uma forma ideal de avaliar os alunos com necessidades especiais?

De acordo com Margarida, professora do currículo:

Não. Cada aluno tem sua maneira de aprender e diante da sua aprendizagem deve ser elaborada uma avaliação, não cabendo mais o caráter classificatório, utilização de provas, mas que deverá ser substituído por diagnósticos contínuos e qualitativos, visando tornar o ensino cada vez mais adequado e eficiente à aprendizagem dos alunos em geral.

Tulipa, professora do currículo, entende que o processo de avaliação deve ser “contínuo e qualitativo, em que todos os alunos devem ser avaliados pelos progressos que alcançarem nas diferentes áreas do conhecimento e a partir de seus talentos e potencialidades”.

Percebe-se nestas respostas que alguns professores precisam apropriar-se mais das teorias referentes a inclusão, pois temos a inclusão de fato e de direito, mas falta estudo, interesse e vontade que as coisas aconteçam.

Reafirmando a minha colocação destaco o pensamento de Violeta que considera o processo de avaliação muito complexo e sempre passível de falhas, ao afirmar que “se o tema por si já é complexo pior se torna quando temos que aplicar em alunos especiais. A avaliação especial também deve prever uma formação para isso”.

Crisântemo, professora do currículo relaciona a avaliação ao tipo de formação do professor, “Para uma pessoa que estudou para trabalhar com os especiais, sim pois essa pessoa saberá como avaliar, não digo uma forma ideal, mas saberá como fazer”.

De acordo com Rouxinol, professor do currículo por atividades “... acaba-se descobrindo a forma de avaliar cada aluno com necessidades especiais valorizando as suas capacidades e talentos, deve-se ter um olhar diferenciado para estes alunos”.

Embora a escola esteja discutindo e propondo novas maneiras de avaliar todos os alunos através de pareceres descritivos, quem mais tem se beneficiado desse processo são os alunos com Déficits Cognitivos.

O processo de avaliação para todas as crianças deve ser de acordo com o ritmo processual, através de observações do cotidiano e não é preciso ter formação



em educação especial. O professor tem que compreender o processo de aquisição de conhecimento dos alunos.

Conforme Martin (2006 p. 213)

Quando avaliamos as aprendizagens realizadas por nossos alunos, também estamos avaliando, queiramos ou não, o ensino que ministramos. Em sentido estrito, a avaliação nunca é apenas do ensino ou da aprendizagem, mas também dos processos de ensino e aprendizagem.

Essa nova forma de avaliar favorece a melhoria de qualidade na educação, visto que a avaliação qualitativa serve a um projeto de sociedade pautado pela cooperação e pela inclusão, e principalmente contribui para a eliminação de barreiras que impedem a aprendizagem de todos.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação não é um complemento do processo, e sim parte integrante e permanente da ação pedagógica diária. Diagnosticando as dificuldades e os avanços dos alunos, podemos melhorar nossa prática pedagógica, pois é indispensável o planejamento, assim como ter muito claro seus objetivos.

Durante as entrevistas realizadas observei que os professores já passaram do processo da inclusão imposta, para a inclusão como um fato, que veio para ficar e cabe a nós agora, entendê-la, e saber como trabalhar na diversidade. Percebe-se também o conflito interno que se estabelece.

No nível discursivo, os professores sabem o que precisa ser feito para se ter uma avaliação de qualidade, porém existem grandes contradições entre o falar e o fazer. Além disso, falta estudo, rever paradigmas pedagógicos, realizar leituras nesta área para que o processo de aprendizagem realmente aconteça.

Sempre foi preocupação do educador, o ensinar, mas aos poucos as preocupações se dissolvem ou sofrem mudanças de acordo com as leituras realizadas pelos mais comprometidos com a educação.

Dentre as mudanças está a postura do professor diante da aprendizagem do aluno, assim como currículo, gestão escolar, organização da sala de aula, tipos de atividades e por fim a maneira de avaliar cada um e o grupo; este professor além de cumprir a Lei (LDB), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) está sim preocupado com a qualidade e o processo de aprendizagem.

A escola que avalia o processo de aprendizagem está automaticamente preocupada também, com o processo de ensino, pois quando há a preocupação do professor com sua prática ele visa a aprendizagem e não o resultado.

Avaliar é uma tarefa complexa, cabe ao avaliador uma postura consciente para não rotular. É através da avaliação, que o aluno, mostra as competências adquiridas para se expressar, compreender, intervir, argumentar e propor, esta deve ser vista e utilizada como recurso e não como um fim em si mesma.

Durante os momentos de reuniões, e em conversas com os professores pesquisados, observei grandes dificuldades em avaliar o processo, estes estão muito presos em vencer e cobrar conteúdos para determinada série, o que demonstra a relevância desta pesquisa para os sujeitos da escola.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), aprovada em 1996, determina que a avaliação seja contínua e cumulativa e que os aspectos qualitativos prevaleçam sobre os quantitativos, embora, muitos ainda resistam, com seus métodos competitivos, intransigentes.

Para que ocorra realmente uma avaliação de qualidade, devemos começar com o professor. Para isso, ele deve se auto-avaliar, revendo as metodologias utilizadas na sua prática pedagógica, assim como lançar mão de vários instrumentos avaliativos.

Isto propicia aos alunos e aos professores refletirem sobre si, oportunizando a construção não só da aprendizagem como das relações, pois avaliar envolve valores e conseqüentemente envolve pessoas.

As dificuldades existem e são muitas, mas elas não devem ser localizadas no âmbito da impotência. É preciso verificar o fracasso de nossas teorias pedagógicas e reconhecer as dificuldades, construindo saídas para elas.

Penso que o trabalho realizado nesta escola contribui de forma relevante nesta nova perspectiva de avaliação dos alunos com déficit cognitivo, mas não está pronto, acabado. É necessário continuar estudando, discutindo, retornando alguns pontos.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Denise de Oliveira. **Sala de Recursos Multifuncionais: Atendimento Educacional Especializado**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial 2006.

ANTUNES, Celso. **Inteligências Múltiplas**. 5ª Ed. São Paulo-SP. Moderna, 1993

\_\_\_\_\_. **Alfabetização Emocional: novas estratégias**. 7ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BEE, Helen. **A Criança em desenvolvimento**. 7ª Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BENAVENTE, A. (1991). “**Dos obstáculos ao sucesso ao universo simbólico das professoras. Mudança e ‘resistência’ à mudança**”, in STOER, S. (org.) **Educação, Ciências Sociais e realidade portuguesa. Uma abordagem pluridisciplinar**, Porto: Edições Afrontamento, pp. 171-186.

BRASIL. Ministério da Educação- **Lei 9394/96** – Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional- Brasília. Mec, 1996

DAMÁZIO, Mirlene Ferreira Macedo. **Atendimento Educacional Especializado. Pessoas com Surdez**. SEESP/ SEED/ MEC Brasília/DF. 2007

FERNÁNDEZ, Alicia. **A Inteligência Aprisionada**; tradução Iara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FONSECA, Vitor. **Dificuldade de Aprendizagem**. 2ª Ed. Porto Alegre. Artes Médicas, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo; Paz e Terra, 1978.

GOMES, Adriana L. Limaverde e outros. **Atendimento Educacional Especializado. Deficiência Mental**. SEEP/ SEED/ MEC. Brasília?DF. 2007.

GOTTI, Marlene de Oliveira. (Organização e coordenação). **Direito à Educação: Subsídios para a Gestão dos Sistemas Educacionais: Orientações gerais e marcos legais.** MEC/ SEESP, 2004

HOFFMAN, Jussara. **Avaliação: mito e desafio. Uma perspectiva Construtivista.** Porto Alegre: Mediação, 1993.

LIMA, Adriana de Oliveira. **Avaliação escolar: julgamento ou construção?**, Petrópolis, RJ: Vozes, 1994

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como Fazer?** Moderna, 2003

\_\_\_\_\_ **Todas as crianças são bem-vindas à escola.**  
Disponível em: <http://www.pro-inclusão.org.br/>. Publicação. Centro Especializado em Desenvolvimento Infantil (CEDI). Pró-Inclusão, n.1 Porto Alegre:2007. Acesso em maio de 2010.

\_\_\_\_\_ **Ser ou estar: eis a questão. Explicando o déficit Intelectual.** Rio de Janeiro: Wva, 1997.

MARTÍN, Elena e outros. **O Construtivismo na sala de aula.** São Paulo. Ed. Ática, 2006

OLIVEIRA, Martha Kohl de. **Vygotsky: aprendizagem e desenvolvimento: um processo Sócio-histórico.** São Paulo: Scipione, 1997

REGO, Teresa Cristina: **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da Educação-** Petrópolis RJ: Vozes, 1995.

TRIVIÑOS, Augusto N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

## 6. ANEXO

Questionário para professores da escola municipal em estudo

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO-MEC  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA-UFSM  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL-  
DÉFICT COGNITIVO E EDUCAÇÃO DE SURDOS

Desde a antiguidade a história da humanidade vem modificando-se, e é óbvio que as representações da sociedade de diferentes épocas diante das pessoas com deficiência também. Sabemos que o mundo não é perfeito e assim estamos constantemente em transformação e insatisfeitos. Não é fácil, mas quem disse que seria?

Por isso, pretendo conhecer melhor os meus colegas de trabalho, sua prática, para que com os estudos que já realizei, eu possa contribuir, repensar e participar do processo ensino-aprendizagem de todos na escola.

OBS: Não é necessário assinar.

Professor (a): .....

Sexo: ( ) masculino ( ) feminino

Tempo de serviço: .....

Formação: .....

Atividade: ( ) currículo por atividades ( ) área

1. O que é ensinar para ti?

2. Como o aluno aprende?

3. Tu achas que todos os alunos devem realizar as mesmas atividades? Justifica:

4. Para uma prática inclusiva, será necessário “reinventar” a escola?

5. Como tu percebes a questão da avaliação dos alunos com necessidades educacionais especiais no ensino comum?

6. Que forma de avaliação tu acreditas que poderia ser considerada ideal?